

**4<sup>a</sup> PARTE**

---

**Discursos**

## DISCURSO DE POSSE\*

Geraldo Fontenelle

Ádvena, adentro este silogeu, com a natureza, lá fora, sob o azul e o ouro da noite e, neste recinto, com o feerismo e as rutilações das magnas alegrias, consagrado pelos 33 votos maciços, espontâneos e unânimes dos que aqui vieram, a 11 de março transato, pessoalmente ou por representantes legais, sufragar o nome do novo ocupante da cadeira nº 18, declarada vaga com o falecimento do professor e poeta Antônio Girão Barroso e que tem, como patrono, o dr. Moura Brasil, cognominado “o pai da oftalmologia brasileira”.

Tressuante pela emoção, mas com o imo referto de contentamento apresso-me em agradecer aos eminentes intelectuais que constituem este areópago por tanta generosidade demonstrada, a mim, humilde figura, praticante de uma literatura perdida nos esconsos das bibliotecas mas que, iluminados pela bondade, fostes ler a estudar para elevar-me ao galardão da imortalidade acadêmica.

Existem algumas coincidências neste caminho a perlustrar em relação ao douto patrono nascido no então povoado de Caixa-Só, hoje cidade de Iracema, “o príncipe da cirurgia oculista no país”, e o cantor que sublinhou: “Maria, na doce paz azul deste poema sem lágrimas/minha mão quer te ofertar rosas e não versos”. A primeira me devolve a um passado logínquo num remoto grupo escolar de José de Freitas, Piauí, quando a mestra contou-nos que o dr. Moura Brasil ia, um dia, por uma rua do Rio de Janeiro, quando escutou a voz de um cego pedindo esmolos. Parou, pediu ao mendigo que tirasse os óculos e examinando-lhe os olhos, declarou: “Posso lhe restituir a vista que a natureza lh’a arrancou”. O cego ficou perplexo. E no mesmo momento, foram acertados detalhes da operação que não custaria um mil réis ao cego. Internado, dias depois, as mãos hábeis de Moura Brasil devolveram a luz ao venturoso. Enxergando com perfeição, o pedinte se foi em busca de nova vida. Meses após, Moura Brasil passa pelo mesmo local e, para surpresa sua, lá está o homem com os mesmos óculos a esmolar. Pressuroso, indagou: “A cegueira voltou? O que houve”? O homenzinho respondeu: “dr.. Moura Brasil, eu estou vendo tudo;

---

\* Pronunciado em 10 de abril de 1991.

voltei a pedir esmola porque foi a única coisa que aprendi na vida" daí se originando o brocardo: "O pior cego é aquele que não quer ver"... Durante muito tempo, guardei na retentiva essa história e, à época, jamais puderia supor que Moura Brasil seria o meu patrono na Academia Cearense de Letras.

A segunda diz respeito ao poeta Antônio Girão Barroso que, há um ano, em razão da editoria do jornal "Notícias Culturais" que lancei em maio de 1990 para homenagear os oitenta anos de Cláudio Martins, passou a estar comigo, neste "Palácio da Luz", quase que, diariamente, pois assinou uma coluna literária do maior agrado até a véspera de sua viagem para o outro lado da vida. Na avenida Barão de Studart, quase esquina com a rua Bárbara de Alencar, reencontramo-nos, certa feita, eu e Girão. Os pardais, quérulos, aninhavam-se no arvoredado em volta, diante de um sol ocíduo que morria sobre a cidade e das placas luminosas que começavam a lucilar. Girão me disse: "Tenho um segredo. Vou te passar. O Cláudio Martins e o Artur Eduardo Benevides estão falando que tu serias bem-vindo à Academia, mas é preciso pleiteares"... Retruquei: Girão, é bondade deles. Eu sou um escritor clandestino, pouca gente me lê. "Ao contrário, Cláudio e Artur são exigentíssimos. Muita gente boa tem levado não dos dois". Fiquei aturdido. Recordo-me que indaguei: e você, Girão, em quem votaria? Ele riu-se e disse: "Gostei da piada"... E readaptando o prólogo, concluiu: "O pior cego é aquele que não quer ver"... E se foi na tarde agônica. O destino interpôs-se e convocou as parcas Cloto, Láquesis e Átropos para, impiedosamente, cortar o fio da vida do poeta Girão, o apóstolo da benquerença. Sou-vos mui sincero, gostaria de não estar, aqui, neste dia, mas noutra dia que Deus tivesse ouvido as minhas orações e as minhas promessas pela saúde de Antônio Girão Barroso. A cadeira nº 18 deste cenáculo das letras cearenses é uma alegria por um aspecto, mas é uma tristeza por outro porque a vaga se deu pela finitude biológica de quem tanto eu, a Academia, a família e a cidade estimávamos e adorávamos. No dia 11 de dezembro passado, a morte nos roubou uma estrela! Adventício, penetro neste santuário das letras, carregando imensa responsabilidade — ser acadêmico e ser afável, acolhedor e doce como o poeta Girão.

José Cardoso de Moura Brasil, patrono desta cadeira que venho ocupar, nasceu no dia 10 de fevereiro de 1846 na povoação de Caixa-Só, hoje município de Iracema. Seus pais: José Cardoso de Moura Brasil e Teresa Maria de Sousa Brasil. Estudou no Liceu do Ceará e

em 1866 embarcou para a Bahia se doutorou em medicina em 30 de novembro de 1872. No ano seguinte, embarcou para a Europa, onde fez vários cursos de especializações. Ao regressar ao Brasil, passou a residir no Rio de Janeiro, onde foi honrado como pontífice máximo da oftalmologia, exaltando o nome do Ceará, como fizeram: Clóvis Beviláqua, juriconsulto, Capistrano de Abreu, historiador, Farias Brito, filósofo, José de Alencar, escritor e tantos outros. Fundou a Policlínica Brasileira e publicou:

"Tratamento Cirúrgico do Deslocamento da Retina", 1879; "Contribuição para o Estudo Comparativo de Diversos Processos Operativos no Tratamento das Afecções Oculares"; "Discurso", lido na sessão que comemorou o aniversário da Academia Nacional de Medicina realizada em 30 de junho de 1890. Sob sua editoria, manteve a Revista Brasileira de Oftalmologia.

Como relembração acadêmica, há um fato a narrar envolvendo o então estudante Moura Brasil. O cidadão inglês Jonathan Abbot, catedrático de Anatomia, na então Escola Cirúrgica da Bahia, estava um dia descrevendo um cadáver para os estudantes. Em dado momento, aproximou-se da janela da sala de aula ninguém mais que um jumento. O mestre, no seu humor inglês, disse, chistosamente, e em voz alta: "O senhor pode entrar e tomar assento ao lado dos seus colegas". A turma ficou indignada e levantou-se Moura Brasil: "Está enganado, sr. Professor, esse pobre animal anda em busca de sua parelha, senão de um antigo cocheiro. Atenda-o". E retirou-se da sala. Os colegas exultaram. No fim do ano, o inglês pretendeu vingar-se nos exames, mas Moura Brasil, àquela altura, talvez já soubesse mais do que o próprio mestre.

Em seu discurso na Academia Nacional de Medicina agradecendo as homenagens pelo seu jubileu de ouro profissional, Moura Brasil declarou, a certo ponto de sua oração:

"Os que se afastam, ainda mesmo aureolados com brilho pela fortuna, que a sua terra não lhes poderia dar, notam, em momento de reflexão, um certo vazio em torno de si, uma atração do espírito para o ideal que considera aquele lugar incomparável, cheio de encantos, onde os pássaros são mais sonoros do que os de além.

"Ao chegar a Fortaleza, recebido por colegas amigos, fui assediado por uma multidão de doentes que precisavam da luz dos olhos, que necessitavam de alívio a sofrimentos inutilizantes de energias de valor."

“Fui forçado a demorar-me ali mais do que pretendia, porém satisfeito por haver prestado serviços úteis, sem quase interesse outro, além do de restituir a vista a muitos cegos, habilitando assim energias travadas pela moléstia para o conforto da família e os labores do Estado.”

“Ali pude observar e saber que o Ceará fora o lugar primeiro atingido pela conjuntivite granulosa (tracoma) em grande quantidade, em zona, mais ou menos limitada a todo o Cariri até o Crato e partes contíguas de alguns estados, assim como conhecer o veículo mais comum do contágio.”

“Apesar de grande empenho não me foi possível conseguir informação segura sobre o modo por que foi levado o tracoma àquele ponto do sertão cearense, nem o país donde veio; o certo, porém, é que desde a primeira metade do século passado produz grande quantidade de vítimas e, ainda há pouco, fui informado por um colega, que fez parte de uma Comissão de Profilaxia Rural no interior do Ceará, de que mais de oitenta por cento da população daquela região sofem de tracoma”.

“Só a menção deste fato de tão grande gravidade indica descuido imperdoável dos dirigentes do Estado, pois a quantidade de inutilizados é tal que impõe medidas excepcionais em benefício de uma população inteligente e laboriosa e o mal não se limita aos já inutilizados, pois cada um destes é portador de moléstia muito contagiosa, que pode transmitir a milhares.”

“Os serviços que pude prestar ao meu Ceará valeram-me a manifestação de grande significação dos colegas, da imprensa, de associações, do povo e só a essa apresentação devo ter-me feito conhecido em um grande centro que é o Rio de Janeiro e por isso fez-se o meu Ceará credor de minha gratidão”...

Senhores e Senhoras:

Assim foi Moura Brasil, o sábio que patrocina, neste templo das letras, a cadeira nº 18, dignificada, muitos anos depois, pela presença de um grande poeta, mestre da Economia e do Direito, jornalista competente e coração imerso na mais infinita grandeza humana: o nosso saudoso e dileto Antônio Girão Barroso.

Vejo, pelos semblantes, que vos inquieto, pelo discurso que deveria ser breve (**Esto brevis et placebis**), contudo são assim a praxe, a tradição, o uso das alocações acadêmicas. Contom com a vossa complacência.

Há poucos dias, um homem do povo, exibindo minha foto no jornal, aludindo-se à minha eleição para esta Casa, interrompeu-me os passos e indagou: "Doutor, para que serve uma Academia?"

Em linguagem coloquial e explicativa, ressaltei que as Academias constituem ou refletem a evolução do pensamento humano. Em todos os povos, em todas as civilizações, as Academias são um retrato vivo das ciências, das letras e das artes. As Academias se compõem de pessoas que se dispõem à atividade intelectual entrando o desejo de aprender e de trabalhar. As Academias preservam e lutam pela cultura de um povo, no sentido mais abrangente da palavra.

Bem sabeis que uma Academia é o prolongamento da que Platão fundou, em 387 anos, antes de Cristo, nos jardins de Academus, herói ático e que deu o nome à escola. A Academia de Platão durou até 529, depois de Cristo. Na Idade Média houve um declínio desta atividade, mas com o advento do humanismo as Academias ressurgiram e se espalharam por todo o ocidente. Em nosso país, por volta do século XVIII, sob a inspiração dos portugueses foi fundada a Academia Brasileira dos Esquecidos. Todavia, só com a fundação da Academia Francesa é que a vida acadêmica se robusteceu e, desta forma, em 1779, teve início a Academia de Ciências de Lisboa e em 1896, a Academia Brasileira de Letras, tendo Machado de Assis como seu primeiro presidente. A Academia Cearense de Letras foi fundada antes da Academia Brasileira, em 1894. Entende-se, pois, como Academia um reunião de pessoas aptas discutindo assuntos de interesse da cultura ou dos conhecimentos de um povo.

Ergo novamente a voz para falar sobre meu antecessor, na cadeira nº 18, da Academia Cearense de Letras — professor e poeta Antônio Girão Barroso.

Girão nasceu em Araripe, no dia 6 de junho de 1914, filho de Teodorico da Costa Barroso e Maria (Nenem) Machado Girão Barroso. O curso ginasial foi feito no Liceu do Ceará, no Colégio Castelo Branco e no Educandário Cearense. Coursou a Fênix Caixeiral tornando-se perito contador. Bacharelou-se em Direito pela nossa Faculdade — turma de 1944. Antônio Girão Barroso cedo se destacou nos meios intelectuais. Não foi boêmio. Foi, isto sim, um grande poeta. Integrou o Grupo Clã e ingressou na Academia Cearense de Letras, por seus méritos. Pertenceu à Sociedade Cearense de Geografia e História. Membro do Conselho Estadual de Cultura. Professor da Faculdade de Direito do Ceará — Economia Política e Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal. Publicou os livros: "ALGUNS

POEMAS em 1938”; “OS HÓSPEDES” (de parceria com Otacílio Colares, Aluizio Medeiros e Artur Eduardo Benevides em 1946; “NOVOS POEMAS” em 1950; “30 POEMAS PARA AJUDAR” (de parceria com Cláudio Martins e Otacílio Colares) em 1969; “UNIVERSOS” (parceria) em 1970; “AS ARTES PLÁSTICAS NO CEARÁ” em 1970; “MODERNISMO E CONCRETISMO NO CEARÁ” em 1981 e “DOIS TEMPOS” (em parceria com Inácio A. Almeida). Casou-se com Alba Cavalcante Barros e o casal teve 10 filhos.

Sobre Girão escreveu o professor e poeta Cláudio Martins, presidente da nossa Academia:

### *NA DOCE PAZ...*

*“Na doce paz azul deste poema”...  
— poeta ambicioso esse Girão  
esgotando sem dó, sem compaixão,  
a imagem maior e um belo tema.*

*Alencar, ao pensar em Iracema,  
não fez de seu poema essa canção  
tão cheia de beleza e de paixão  
expressa por Girão num teorema.*

*Teorema do amor bem definido.  
Sem lágrima. De rosas construído,  
na linguagem singneta dum eleito.*

*Por que, Musa, me negas tal talento,  
por que só me inspira desalento,  
sereia acaso assim tão mau sujeito?*

E Artur Eduardo Benevides, “o príncipe dos poetas cearenses”, versejou para Girão:

*Como viver sem ti, ó peregrino,  
Sem tua ingenuidade e sem teu ar  
Do marinheiro que ficou sem mar,  
Jamais podendo achar o velocino?*

*A poesia em ti, mais que destino,  
Semelha a ara posta sobre o altar,  
Ou os fios, talvez, que num tear  
Tecem as vestes de sonhos de um menino.*

*Um menino tu foste — e desvalido  
Tangeste os bois que, à tarde, e sem mugido,  
Conduziam no dorso os rouxinóis.*

*Eras pálido e triste. Quase um santo,  
Mesmo em boêmia, não perdeste o manto  
Cravejado de luz e girassóis.  
“(Do livro a sair “Canções de Babilônia e Poemas do Êxtase e Abismo”).*

Como poeta Rilke, Girão teve também um discípulo, com as angústias existenciais do jovem Franz Xaver Kappus. Seu nome: Olavo de Lima, moço pobre, servidor do Banco do Estado, em quem Girão descobriu o dom da poesia e fez publicar em “Notícias Culturais” vários poemas. A Olavo de Lima, na fase aguda da doença que nos tirou Girão, ele confessou na maior tristeza: “Olavo, eu queria viver apenas mais dois anos”.

A veia poética de Antônio Girão transmitiu-se a Oswald Barroso, seu filho, igualmente um estro inspirado e candente.

“Para um poeta nada pode ser inútil (**To a poet nothing can be useless**) — disse Samuel Johnson.

“Poetas não podem calar-se / Querem as turbas mostrar-se / Há de haver louvores, censuras: / Quem vai confessar-se em prosa? / Mas abrimo-nos **sub rosa** / No calmo bosque das musas.”

“*Dichter lieben nicht zu schweigen / Wollen sich der Meng zeigen / Lob und Tadel muss ja sein: / Niemand beichtet gern in prosa; / Doch vertraun wir oft **sub rosa** / In der Musen stillem Hain.*” — Goethe (1749-1832 — Poemas)

Em conversa com Antônio Girão Barroso pude verificar quais os seus poemas que mais lhe tocavam a sensibilidade:

## POEMA

*“Maria, na doce paz azul deste poema sem lágrimas  
minha mão quer te ofertar rosas e não versos.*



*Mas a pena me trai e corre sobre o papel, inelutavelmente  
e são palavras que jorram, se bem que de rosas  
o meu pensamento se inflame e se perfume.  
Te quero ofertar rosas, Maria, rosas antigas como a tua  
lembrança*

*E me saem estas palavras, que de nada valem.  
Tu as escutarás, mas o barulho não deixa ouvir  
é o mundo mau que fala, o mundo mau que está matando  
as rosas.*

*Maria, na doce paz azul deste poema sem lágrimas  
minha mão quer te ofertar rosas e não versos.*

#### POEMA

*Escreverá sobre a velha mesa esquecida e pobre  
mais um poema perdido na noite, e achado horas depois,  
É calada a noite, e cheia de tédio, mas serena e calma  
como jamais a tua mão o fora. Trabalhas.  
Nenhuma voz, nada perturbará o trabalho de tua mão  
a qual escreverá sobre o pequenino papel branco e frio  
as palavras monotonamente pensadas na noite quieta e  
dorminhoca  
E o poema sairá, e sobre ele descansarás  
a tua angústia de duzentos anos.*

#### POEMA

*Malmequeres suavizam a paisagem  
e, lá fora, para além das montanhas cheias de escarpas e  
de medos  
o mar ruga e, em mim, tudo é como se fosse um dia de  
tempestade.  
O corpomelancólico do céu se esvai e de repente as sombras  
que ainda há pouco apenas se anunciavam*

*se lançam para baixo e enchem a terra da sua cor arroxeadada.  
Ó melancolia, ó indivível tristeza de estar aqui  
e não sentir, como outrora, o perpassar do fino ar tão saudável destas montanhas.”*

Já disse algures e repito-o agora que o poeta grego Konstantinos Kaváfis, cioso de sua literatura, frisava sempre:

“Como um comerciante anuncia suas mercadorias para as vender, assim também deve o poeta anunciar os versos que está oferecendo... “As pessoas andam sempre ocupadas, muito ocupadas, pelo que não dispõem de tempo para interessar-se pelos vizinhos ou semelhantes. Assim é nosso dever falar de nós mesmos e de nosso trabalho, até fazê-las parar, deixar de lado o que estão fazendo e prestar-nos atenção”. Ao contrário do grego, Girão tomava-se de modestia e escondia seu incomensurável talento.

Bakhoromkin, personagem de “A descoberta”, do escritor Tschevov, recordando um longínquo passado, contou que sua mãe, mulher nervosa e excêntrica, saindo uma vez com ele, encontrou-se com um tipo, bêbado, hediondo e beijou-lhe a mão. Bakhoromkin indagou estupefato: “Mãe, por que fez isso? Ela respondeu: “É um poeta”. E ele considerou que a mãe estava com a razão. Se houvesse beijado um senador, um príncipe, manifestaria, no ato, um rebaixamento, uma subserviência. Beijar a mão de um poeta era correto. E ficou imaginando: as estradas de ferro serão, um dia, esquecidas, mas Homero será eternamente lembrado.

Senhores e senhoras:

Concedei-me mais algumas palavras. Já se foi o exórdio, a enunciação e caminhamos para a peroração.

Teseu, personagem de William Shakespeare em “Sonho de Uma Noite de Verão” destaca que a pena do poeta capta a essência de todas as coisas. Edgar Allan Poe disse que a poesia era “a criação rítmica da beleza”. Proust quis que a poesia fosse “o reino das metáforas”. Rimbaud classificou a poesia de “alquimia verbal”. Garcia Lorca: “o rio essencial de todas as coisas”. Para Mallarmé: “o fluxo de efeitos musicais”. Para Jorge Luís Borges: “milagre da revelação transcendental”. Sei que a poesia é mais do que disseram esses autores: Luz! Força! Energia! Ascensão! Vôo! Mergulho! Trigal! Lírio! Labirinto! Espanto! Sonho! Profecia! Oratória de Deus! Símbolo! Exílio! Ternura! Amor! Saudade!

Poeta Girão, abençoado o ventre que te gerou, abençoados os almos seios que te amamentaram, espírito luminoso que rutila na

corde celeste, ainda estamos chorosos com a tua partida. Quando Moisés morreu os filhos de Israel choraram por 30 dias (Dt 34,8). O Egito chorou Jacó por 70 dias. (Gen 50,3). Quando Abner morreu, David levantou a voz e chorou profundamente e todo o povo o acompanhou (2 Sam, 3, 32). Jesus chorou no túmulo de Lázaro quando viu o amigo morto, tanto assim que, tomado de compaixão, o ressuscitou. Nós, teus amigos e admiradores, Girão, parentes e conhecidos, acadêmicos e leitores, choraremos a vida inteira até porque a lágrima é permanente em nossos olhos para que nossos olhos se movimentem e vivam.

Senhores acadêmicos:

Aqui estou cumprindo vosso chamado. Sou uma pessoa humilde, creio sumamente que venho para aprender, nunca para ensinar, orgulho-me de estar ao vosso lado glorificado pela imortalidade acadêmica. Aqui está um migrante, pastor de ovelhas e cabras, tropeiro de muitas léguas, carregando uma súbita orfandade.

Ora meus anseios eram ânforas que se partiam, ervas daninhas cresciam na minha estrada, borboletas atiravam-se mortas aos meus pés, não sentia a fragrância dos sândalos, das violetas, dos amores perfeitos, das cidreiras e sálvias do jardim. Cloris e Flora que a antiguidade greco-romana consagrou, pareciam-me metáforas dos poetas, secavam as folhas da lavanda e os caules dos gerânios e girassóis mostravam-se escuros, nem uma nesga de nuvem enxergava no infinito, minha farda de ginásio era rota, meus livros emprestados, os mestres estranhavam meu alheamento porque desconheciam a minha dor e os colegas, estribados no meu cismar constante, viam-me como uma estátua posta de lado... Ora, renascia, chegava-me ao olfato o esparzír aromático da rosa damasceno e bergamota, de benjoim e gálibano, da mirra e olíbano, mais docemente o vento me afagava, madrugava em mim o júbilo da alma, sinos alegres anunciavam caminhos floridos, via as estrelas espargir luz nova, um pássaro cantar na goiabeira que ensombreava a janela do meu quarto, revivia, reagia contra a solidão e Deus já não era mais uma voz ao longe, ao contrário, estava onipresente e onipotente dirigindo-me os passos e alentando-me com paz e esperança. Assim, havia momentos de introversão e extroversão, na busca do aperfeiçoamento interior e exterior, na guerra surda contra a dualidade contraditória. Antes dos 18 anos, fui Gabriel sem Andréia, de Boccaccio, quase Senecé sem a condessa

e a princesa, de Stendhal, João e Cristina, de Julien Green, encantei-me com Orfeu, sacerdote de Zeus, que atraía os animais com as cordas da sua lira, mas foi Jesus que me tocou o coração e me fez, ao contrário do sr. Meursault, personagem de Albert Camus, em “O Estrangeiro”, prêmio Nobel de Literatura, não abandonar nunca minha mãe num asilo de velhos e, ao contrário de Meursault, ela estão aos meus cuidados, muito feliz em seus 81 anos de idade.

Também não caí nos laços de uma rica, porém valetudinária Madalena de Renteria para obter riqueza e poder como a narrativa sobre León Vives, personagem de Vargas Vila em “A Conquista de Bizâncio”. A pobreza com dignidade — eis tudo.

*AB IMO PECTORE.*